

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.180212-2023-345-354>.

Recebido em maio de 2023. Aprovado em junho de 2023.

**DISCURSO E CORPO:  
O DISFARCE DO *BULLYING* EM CIRCULAÇÃO NA ESCOLA  
DISCOURSE AND BODY:  
THE DISGUISE OF BULLYING IN SCHOOL CIRCULATION**

**Soraya Maria Romano Pacífico\***

**Thaís Silva Marinheiro de Paula\*\***

**Resumo:** *Nesse artigo, considerando o corpo uma materialidade linguística, lugar que se torna alvo do olhar classificador do sujeito-agressor de bullying, propomos analisar discursivamente como se dá a circulação do bullying na escola, na tentativa de compreender o que pode atravessar essa prática violenta. Para isso, o corpus de análise é constituído a partir de um questionário realizado com sujeitos-alunos do Ensino Médio de uma escola estadual do interior de São Paulo e os pressupostos teóricos utilizados sustentam-se na Análise de Discurso pecheuxtiana. Em nossas análises, interpretamos que o bullying circula nas escolas e funciona pelo disfarce, pois sentidos de violência são naturalizados como democráticos e o olhar classificatório atribuído ao corpo do sujeito-vítima de bullying é constituído por uma língua de vento que sopra uma violência disfarçada de brincadeira.*

**Palavras-chave:** *Bullying. Corpo. Discurso. Sujeito.*

**Abstract:** *In this article, considering the body as a linguistic materiality, a place that becomes the target of the classifying gaze of the bullying aggressor subject, we propose to analyze discursively how bullying circulates in school, to understand what can cross this violent practice. For this purpose, the analysis corpus is constituted from a questionnaire conducted with high school student subjects from a state school in the interior of São Paulo, and the theoretical assumptions used are based on Pecheuxian Discourse Analysis. In our analyses, we interpret that bullying circulates in schools and operates through disguise, as meanings of violence are naturalized as democratic, and the classifying gaze attributed to the body of the bullying victim subject is constituted by a language of wind that blows disguised violence as a joke.*

**Keywords:** *Bullying. Body. Discourse. Subject.*

## INTRODUÇÃO

Partindo da consideração de que o sujeito se constitui pela linguagem (Orlandi, 2016) e que o corpo, enquanto linguagem, tem relação estreita com o discurso (Ferreira, 2013), podemos compreender que é por ela que o sujeito constitui sua relação com o seu corpo e produz sentidos sobre ele. Nessa pesquisa não trataremos do corpo biológico, mas sim daquele que é atravessado por sentidos, que olha para si e é olhado, que é interpretado pelo outro, ou ainda, julgado, portanto, é constituído sócio-historicamente.

---

\* Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). E-mail: [smrpacifico@ffclrp.usp.br](mailto:smrpacifico@ffclrp.usp.br).

\*\* Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). E-mail: [thaismarinheiro@usp.br](mailto:thaismarinheiro@usp.br).

Para Orlandi (2016, p. 96), “o corpo não fala, ele significa”, assim, podemos compreender que tanto o corpo quanto a sua imagem são atravessados de sentidos e que estes podem ser já-dados, historicizados, falhos, furados, ou mesmo, ressignificados, a questão está na relação do olhar de si e do outro que são colocados sobre esse corpo, se são olhares da visibilidade ou da invisibilidade, olhares estigmatizadores ou olhares despercebidos. Entendemos que a relação do sujeito do discurso com o seu corpo ou com o do outro, afetada pelas condições sócio-históricas e ideológicas, determinará o tipo de olhar que é dado ao corpo, como acontece com o *bullying* quando corpos diferentes podem e têm o direito de estar na escola. Entretanto, o olhar classificador também está lá, fazendo com que a singularidade do sujeito-vítima possa vir a ser alvo de ataques.

De acordo com os estudos do Pigozi e Machado (2015, p. 3510), o *bullying* é definido como uma subcategoria de violência regido pelo poder e pela violência, de modo que os adolescentes “além de lidarem com suas intensas mudanças pessoais (emocionais e fisiológicas), buscam serem aceitos pelas suas singularidades em meio à discriminação”. Para Foucault (2012, p. 132), “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. Consideramos, então, o *bullying* como um desses poderes por ser uma prática movida por uma dominação, por um olhar que julga, que se incomoda e, por isso, desrespeita a maneira de ser do sujeito-vítima a ponto de lhe causar constrangimento e humilhações.

Portanto, para essa pesquisa, considerando o corpo uma materialidade linguística, lugar que se torna alvo do olhar classificador do sujeito-agressor de *bullying*, propomos analisar discursivamente como se dá a circulação do *bullying* na escola e quais sentidos atravessam essa prática violenta. Para isso, o *corpus* de análise é constituído a partir de um questionário com 10 questões discursivas com a participação de 33 sujeitos-alunos do Ensino Médio de uma escola estadual do interior de São Paulo que sofreram *bullying* no Ensino Fundamental e os pressupostos teóricos utilizados sustentam-se na Análise de Discurso pecheuxiana.

## ANÁLISE DE DISCURSO: UM MÉTODO TEÓRICO-ANALÍTICO

Se o corpo é uma materialidade discursiva é pela sua relação com o político e com o simbólico que os sentidos serão organizados e determinados, podendo produzir e historicizar processos de exclusão e segregação (ORLANDI, 2016). É nessa perspectiva que analisaremos o funcionamento do *bullying*, não uma análise de sua conduta com características ou classificações, mas a sua circulação pelo discurso.

Antes, é preciso fazer a distinção de dois usos que faremos ao longo do trabalho, sujeito-vítima, aquele que já sofreu *bullying*, e sujeito-agressor, aquele que produz a violência. Damos ênfase a essa diferença tendo em visto que, para a Análise de Discurso, o sujeito é afetado, constituído pelas condições de produção do seu discurso, é interpelado em sujeito a partir da posição que ocupa ao produzir seu discurso (Pêcheux, 2009). Além disso, é nesse processo de interpelação que podemos compreender que só há sujeito afetado por uma ideologia (IDEM), ou seja, ela funciona a partir de práticas que regulam as relações sociais e é materializada no que Althusser (1970) chamou de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE).

Sendo assim, considerando a escola como um AIE, lugar que regula, partilha e reproduz os sentidos dominantes, isto porque é constituído por uma ideologia dominante imposta por uma classe dominante, compreendemos ser necessário analisar como o *bullying* circula nesse espaço. Sabemos que ele pode circular na internet e ser nomeado de *cyberbullying*, mas, para este trabalho, pensando sobre as condições de produção do discurso, a posição do sujeito-escolar, que passa pelo menos 9 anos de sua vida nesse espaço discursivo, optamos por analisar os discursos produzidos pelo sujeito-aluno e não os discursos que se inscrevem na rede virtual.

Para isso, fazemos uso da teoria da Análise de Discurso pecheuxtiana, constituída por dois dispositivos, o teórico, que, por conceitos como sujeito, ideologia, memória, interdiscurso, sustenta as análises realizadas a partir de um *corpus* de pesquisa; e o analítico que sustenta os gestos de interpretação do analista para o *corpus* de pesquisa (Orlandi, 2001).

O *corpus* deste trabalho foi elaborado a partir de um questionário proposto aos alunos de uma escola pública do interior de São Paulo, em dezembro de 2020. Devido à pandemia, para convidar os alunos, utilizamos a chamada de vídeo através da plataforma Microsoft Teams, ferramenta utilizada pela escola participante da pesquisa. Aos que se interessaram, levamos os questionários e os termos de consentimento, com as devidas medidas de higiene e segurança, à porta da casa dos alunos; depois, fomos chamadas para buscar os documentos preenchidos e assinados. Consideramos que, mesmo com o período pandêmico, constituímos um *corpus* que trouxe contribuições para a pesquisa e para nossas inquietações, como apresentaremos a seguir.

### CORPO E BULLYING EM (DIS)CURSO NA/PELA LINGUAGEM

Historicamente, práticas de poder e silenciamento contribuíram para a dominação dos corpos, dentre elas, podemos citar o período da Ditadura Militar, que ocorreu de 1964 a 1985, quando o Exército e a Polícia Militar brasileiros assumiram o poder político e mantiveram um regime autoritário, de forma que censuravam aqueles que fossem contrários aos seus ideais, punindo com exílios e torturas não só os que faziam parte dos meios de comunicação, mas também, a população em geral. Nesse contexto, entendemos que estamos diante do silenciamento do outro pelo medo, pela opressão na tentativa de garantir o poder pela força.

Cabe a nós, enquanto pesquisadoras, relacionarmos a esse período histórico a recente invasão ocorrida no Palácio do Planalto, no Superior Tribunal Federal e no Congresso Nacional, no dia 08 de janeiro de 2023, tendo em vista que agora estamos diante de um grupo de radicais, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, os quais tentam tomar o poder político à força. Nesse ato, houve não só a invasão como ainda a depredação dos prédios, das instalações e de peças históricas. No mesmo mês, enquanto os considerados terroristas, vândalos pelo ato de invasão aos três poderes brasileiros eram identificados e punidos, no dia 20 de janeiro de 2023 veio à tona a crise sanitária e humanitária na Terra Indígena Yanomani, nas aldeias de Roraima e Amazonas, onde 50% das crianças foram identificadas com desnutrição e 570 jovens morreram por falta de apoio médico, tudo isso devido ao garimpo ilegal realizado no local, o qual ganhou força com os desmontes de órgãos de proteção ambiental e dos direitos indígenas durante o governo Bolsonaro (Coll; Menezes, 2023).

Pensando esses três momentos sócio-históricos (a Ditadura Militar, a invasão aos três poderes e o pedido de socorro da tribo Yanomami), interpretamos que esses atos ocorridos nos séculos XX e XXI colaboram para naturalizar a violência, pela agressão e pelo silenciamento, pois ganham aparência de ‘autorizados’ por aqueles que partilham desta mesma formação ideológica, colaborando para que esses sujeitos (de)marquem quem manda em um determinado espaço e quem ‘merece’ ser humilhado e silenciado. Temos, então, a violência disfarçada de democracia.

Trazendo esses contextos para nossa pesquisa, entendemos que esses atos reverberam em diferentes espaços, inclusive na escola, e colaboram para que sujeitos-alunos sintam-se também autorizados a reproduzir essas práticas, a demonstrar poder pela violência, pela omissão e silenciamento do outro, pois a partir do momento que essas práticas sócio-históricas são normalizadas, que vêm disfarçadas de democracia, consequentemente, a violência na escola também passa a ser disfarçada de natural, dentre elas o *bullying*.

Temos, então, um sujeito que cresce, que é constituído por esses sentidos de violência, que reconhece pela perversidade que pode intimidar, ameaçar quem for contrário aos seus ideais e humilhar aquele que pertence a raças, classes e religiões diferentes das do sentido dominante, o que resulta na assunção da posição sujeito-agressor de *bullying*, pois este passa a filiar-se a esses sentidos de força e poder acima do respeito, das leis. Ou seja, burlar a lei torna-se uma demonstração de poder, como vimos com a invasão aos três poderes, determinando como o outro deve ser tratado. Por isso, entendemos que os séculos passaram, os anos mudaram, mas os instrumentos de humilhação permanecem na sociedade e esses mesmos instrumentos estão na escola materializados discursivamente nos corpos pela prática de *bullying*.

Nesse contexto, consideramos que estamos diante de uma sociedade que ensina que a força, a dominação e o silêncio é que são os caminhos para demonstrar quem tem o poder, e, o sujeito-praticante de *bullying*, afetado e constituído sócio-historicamente por esses sentidos, (re)produz essas práticas na escola, porém, agora, pelo olhar, o qual é capaz de produzir efeitos de sentidos de humilhação e dominação. O que nos leva a compreender que o fato de o *bullying* estar na escola não é ‘por acaso’ ou por um ‘foi sem querer’, mas sim, porque faz parte de uma violência com raízes na conjuntura histórica, social, econômica, cultural, que atravessa as relações sociais, as quais fazem parte de uma sociedade fundada na agressão, no sem lei, uma violência que até hoje é democratizada, como foi feito com os indígenas, no período escravocrata, e, como foi feito com a tribo Yanomami, recentemente.

São as condições de produção desses discursos que normalizam, amparam e dão força para a violência se instaurar na sociedade e, consequentemente, na escola, ‘autorizam’ o sujeito-aluno a entrar na sala e se sentir no direito de zombar, de tornar a singularidade de outro sujeito-aluno motivo de humilhação, como pode ser observado no recorte, a seguir, quando é perguntado ao sujeito-participante da pesquisa, na Questão 1, ‘o que é *bullying* para você?’:

Recorte (01): Sujeito-aluno A: é uma prática de atos de violência física e psicológica. alguns exemplos são humilhações, xingamentos, agressões físicas ameaças...

Pelo discurso do sujeito-aluno L, interpretamos que o *bullying* não ocorre somente pela agressão física, como pode ser considerado por muitos, pois essa prática ganhou um disfarce que se instaura pela língua, desta forma, a humilhação acontece, como pode ser analisado, no recorte 01, pelo uso dos significantes ‘xingamento’ e pelas ‘ameaças’, instrumentos presentes na oralidade, instrumentos que não deixam marcas visíveis no corpo. Sendo assim, ele pode ser compreendido como uma materialidade linguística que produz sentidos sobre violência física e psicológica, uma violência instaurada pelo disfarce do *bullying*, pelo olhar do sujeito-agressor para e sobre o corpo.

Para pensarmos a circulação do *bullying* na escola, é preciso considerar que, de acordo com Orlandi (2001, p. 21), “no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição dos sujeitos e produção de sentidos, e não, meramente transmissão de informação”, assim, quando o sujeito-agressor de *bullying* discursiviza uma ofensa a outro sujeito, entendemos que ali não há uma transmissão de informação, não há brincadeira ou um ‘dizer sem querer’, há a produção de sentidos que foram constituídos historicamente, sentidos que ecoam dos momentos violentos já inscritos na história, ou seja, os sentidos não se originaram ‘do nada’, portanto, o *bullying* não pode circular como inofensivo, pois é atravessado pela posição sócio-histórico-ideológica de um sujeito de poder na escola.

Além disso, Orlandi (2012) propõe pensar a produção de discurso, bem como, seus efeitos de sentidos, pela tríade: constituição, formulação e circulação. A constituição do discurso se dá a partir “da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo” (*idem*, p. 09), trata-se do acesso aos dizeres, ao interdiscurso, que para análise de discurso são os já-ditos, repetidos, esquecidos e/ou atualizados sobre *bullying*. Na formulação, temos as “condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas” (*ibidem*). Para Orlandi (*idem*), “formular é dar corpo aos sentidos”, sendo assim, entendemos que na formulação, o sujeito discursiviza a partir de uma posição-sujeito, a partir de um contexto sócio-histórico-ideológico que faz com que ele diga de uma forma e não de outra.

Por último, a circulação “se dá em certa conjuntura e segundo certas condições” (*ibidem*), ou seja, a circulação do discurso vai depender de onde o discurso circula, por exemplo, se falamos de uma escola que possui projetos integrados à grade curricular de combate ao *bullying* (e não projetos rápidos, com apenas palestras e semanas temáticas), dificilmente ali circularão sentidos naturalizados de que *bullying* é brincadeira; porém, se no espaço escolar tanto alunos quanto professores chamarem *bullying* de brincadeira, ali, pela repetição, pela posição que esses sujeitos ocupam, possivelmente, o *bullying* será naturalizado e circulará em enunciados, como, ‘foi sem querer’ ou ‘estava apenas brincando’.

Nesse contexto, entre constituição, formulação e circulação dos sentidos, entendemos que é a partir de onde o discurso circula, pela posição-sujeito (quem fala e a quem) e pela repetição que os sentidos vão sendo atualizados, estabilizam-se no discurso dominante e, com isso, há o esvaziamento do significado de *bullying* defendido por Fante<sup>1</sup> (2011) e a instauração de sentidos de brincadeira.

<sup>1</sup> Fante (2011, p. 30) considera que “o *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar

Ademais, consideramos que esse esvaziamento também ocorra pelo *bullying* receber uma característica de boato, visto que isso colabora para o apagamento e atualização dos sentidos. Orlandi (2012) explica que o boato é uma etapa da formulação do discurso e vai afetar a sua circulação, assim, trata-se de “um modo de dizer em que há sempre uma diferença a significar, um ruído (protesto ou falta de verdade)” (*idem*, p. 134). A autora ainda complementa que é um meio de estabelecer uma forma de poder, em que silêncio e linguagem entram em confronto por um espaço de significação no espaço público, isto porque ao atestar a não-transparência da linguagem, o ritmo do dizer é afetado, de forma que, no boato, ou não se diz toda a verdade ou o dizer vai além da verdade e há a dispersão dos sentidos, com isso, Orlandi (2012), vai considerar que o boato age na margem de equívocos e de incertezas.

Portanto, pensando a formulação e circulação dos sentidos, o *bullying* ganha estatuto de boato, sua gravidade é reduzida, aqui, podemos observar o embate entre o silêncio e a linguagem, pois, em sua maioria, somente quando está materializado linguisticamente, quando está na ordem do discurso é que é dado como importante na escola. Retomamos, então, o disfarce do *bullying* que é materializado no corpo do sujeito-vítima, pois, no silêncio do olhar, do gesto, da intimidação ou do abandono, essa violência não ganha evidência física, fica no entremeio entre verdadeiro e falso, dito e não-dito, aconteceu e não aconteceu, uma violência que funciona pelo discurso, contribuindo para que seu significado novamente se esvazie, ficando no que Orlandi (2012) vai chamar de língua de vento.

“As palavras voam e o escrito permanece!”. Orlandi (*idem*) vai partir deste provérbio, traduzido do latim, para considerar que, para a Análise de Discurso (AD), tanto o escrito quanto as palavras podem voar, podem ser atualizados e apagados, isto porque para a analista de discurso, nada é definitivo, “mesmo que os sentidos (e as palavras) estejam soltos, os gestos de interpretação sempre se dão em posições ideológicas que podem ser analisadas e, assim, compreendidas, em seu funcionamento” (*idem*, p. 142). A autora explica que os boatos são também gestos de interpretação, ou seja, são formulados a partir de uma posição ideológica, então, quando eles atualizam um sentido e apagam outro, pode ocorrer uma ressignificação que “indica que o dizer é marcado por um jogo de poder da/na linguagem” (*ibidem*).

Sendo assim, para a autora, a língua de vento está nessa relação entre quem sopra e o que é soprado, de forma que quem sopra faz parte das relações de poder, pois este tem o direito de estar no jogo de sentidos, mas, pela ilusão da clareza e da transparência da linguagem, produz o sentido claro, de forma que este vai se estabilizar como sentido dominante e é este sentido dominante que voa, que é soprado como verdadeiro, único (Orlandi, 2012). É nesse jogo de sentidos das relações de poder que o boato trabalha, trazendo sentidos de certeza e incerteza, contribuindo para que o *bullying* seja soprado como brincadeira e a dúvida se estabeleça ‘foi brincadeira?’ ou ‘não foi brincadeira?’, ‘fui ofendido?’ ou ‘eu que entendi errado?’. Podemos interpretar essa língua de vento nos recortes a seguir quando é perguntado ao sujeito-aluno participante da pesquisa, na questão 5, “A quem você contou? Quais medidas foram tomadas pela escola?”:

---

características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, a propriedade de causar traumas no psiquismo de suas vítimas”.

Recorte 02: Sujeito-Aluno B: Conteí para os meus pais que imediatamente entraram em contato com a direção da escola, porém a escola não tomou nenhuma medida assim me deixando mais aflita por deduzirem que eu estava mentindo.

Recorte 03: Sujeito-aluno C: Pros meus pais, sendo assim ele foi na escola, conversou com a direção e depois comigo, pediu que no 6º ano eu tentasse fazer amizade com todos para isso não acontecer mais e foi o que eu fiz, até então não sofro bullying.

Recorte 04: Sujeito-aluno D: Nunca conteí a ninguém, na minha escola isso era normal e os mesmos que faziam não eram punidos.

Recorte 05: Sujeito-aluno E: Disse a uma professora, mais sempre ouvia: “É brincadeira, você tem que aprender a brincar!”

Tendo em vista que o boato põe em dúvida os sentidos, funciona pela língua de vento, a qual, pelas relações de poder, sopra sentidos estabilizados, e que ele trabalha com a transparência da linguagem, interpretamos, pelos sentidos produzidos nos recortes 02, 03, 04 e 05, que o *bullying* é atravessado pelo boato, quando sentidos de atos de agressividade, defendidos por Fante (2011), não são os que são soprados. Assim interpretamos que, pelo discurso do Sujeito-aluno B, são soprados sentidos de *bullying* como mentira; pelo discurso do Sujeito-aluno C, sentidos de culpa, quando este é obrigado a fazer amizade com todos os alunos para não sofrer mais agressões, consideramos, aqui, o uso de ‘todos’ um significante importante, funcionando pela língua de vento, mais uma vez, trabalhando com a completude da linguagem, como se fosse possível ter amizade com todos os alunos de uma turma e/ou escola.

Pelos recortes 04 e 05, interpretamos que são soprados sentidos que põem em dúvida o discurso do sujeito-vítima, desta forma, o boato instaura a dúvida possibilitando a enunciação das seguintes famílias parafrásticas, pelo Sujeito-aluno D: ‘sofri *bullying*, mas é normal nesta escola’; ‘sofri *bullying* e devo aceitar, pois é normal na escola’; ‘sofri *bullying*, se é natural nesta escola, então, devo me calar’; e, pelo Sujeito-aluno E: ‘sofri *bullying*, mas foi só brincadeira’; ‘sofri *bullying* e devo aceitar que foi brincadeira’; ‘sofri *bullying*, mas se minha professora disse que foi brincadeira, devo aceitar’.

Entendemos que o funcionamento dessa violência vai ocorrer pelas relações de poder que sopram como ela circulará em um espaço, com isso, é pela materialidade discursiva do corpo que podemos considerar como ele é discursivizado pelo *bullying*. Como pode ser observado nos recortes a seguir quando é perguntado “Por qual/quais motivo(s) houve bullying com você?”:

Recorte (06): Sujeito-Aluno F: Pela minha aparência, diversas vezes me chamaram de “testa de amolar facão”, “cabelo de bombрил”, falaram do meu dente que era torto e vários outros apelidos.

Recorte (07): Sujeito-Aluno G: Não sei ao certo o porquê, mas eram apelidos e brincadeiras sobre meu corpo, rosto e cabelo.

Pelos recortes 06 e 07, interpretamos que o corpo é discursivizado pelo *bullying*, o qual vai determinar, por uma relação de forças e poder, quais corpos merecem receber um apelido. Desta forma, consideramos o apelido e a brincadeira, aqui, como disfarces do *bullying* materializando a violência nesses corpos, visto que desconsidera a singularidade corporal dos sujeitos-vítimas e contribui para a sua homogeneização.

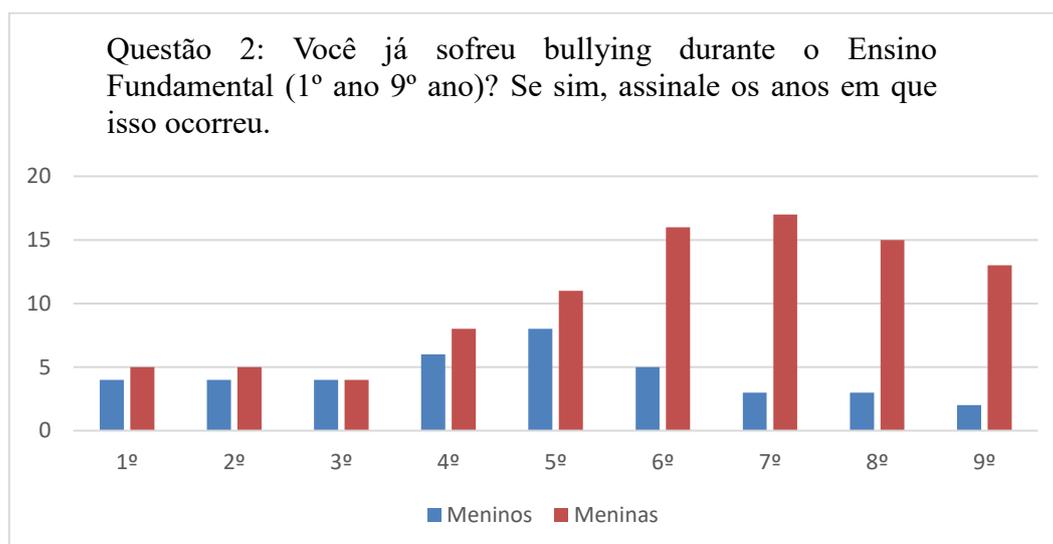
Assim, temos o disfarce pela língua de vento, pois se cria a ilusão de poder brincar, apelidar e nomear o corpo do outro baseado em moldes corporais que fazem parte de padrões, classificando o normal *versus* o não-normal, porém o que se instaura, na verdade, é a naturalização de uma violência, fazendo com que sua gravidade seja amenizada.

Sobre esse disfarce do *bullying*, consideramos importante analisar o recorte a seguir quando é perguntado ao sujeito-aluno “O que você acha do seu corpo hoje? Por quê?”:

Recorte (08) Sujeito-Aluno H: Acho meu corpo anormal; Sou magro, mesmo com um peso normal, não me sinto feliz.

Pelo recorte 08, quando o sujeito-vítima discursiviza que hoje considera seu corpo anormal, interpretamos que um dos motivos seja o *bullying* sofrido no Ensino Fundamental. Desta forma, a voz do sujeito-agressor funciona como voz de autoridade sobre o sujeito-vítima fazendo com que o sujeito-vítima passe a olhar para o seu corpo partilhando da mesma formação discursiva que seu agressor: olha-se como corpo anormal. Ademais, pelo discurso do Sujeito-Aluno H ao discursivizar “mesmo com um peso normal, não me sinto feliz”, consideramos, pela conjunção concessiva ‘mesmo com’, que há um incômodo nesse sujeito que denuncia a violência sofrida, possibilitando que interpretemos que embora a violência tenha acontecido há um tempo, o efeito dela ainda permanece, com isso, o disfarce do *bullying* está nessa permanência, enraizada no corpo do sujeito-vítima. Com isso, defendemos que o *bullying* tem seu funcionamento pelo olhar do sujeito-agressor e é esse sujeito que vai produzir sentidos sobre o corpo de sua vítima, o que nos possibilita defender que o corpo é uma materialidade linguística discursivizada pelo *bullying*.

Nesse contexto, é importante analisarmos esse disfarce do *bullying* dentro da escola, para isso, partimos de um dado que temos em nosso *corpus*:



**Gráfico 1**

Fonte: Autoria própria

Chamamos a atenção para a existência da prática de *bullying* que acontece desde o 1º ano do Ensino Fundamental e é potencializado, fica mais intenso, na transição do Ensino Fundamental 1 (EF1) para o Ensino Fundamental 2 (EF2). Consideramos que a gravidade do *bullying* é reduzida enquanto está no EF1 devido aos sentidos de brincadeira que estão no mesmo espaço e se misturam, entrelaçam-se e não são desentrelaçados pela instituição escolar, assim a naturalização de *bullying* como brincadeira passa a circular e é soprada até o EF2.

Caldas (2021) defende que a brincadeira não é levada para o Ensino Fundamental como ocorre com na Educação Infantil, como se a brincadeira fosse exclusiva de um período escolar. Além disso, a autora vai defender que o direito de brincar ainda não é considerado uma atividade pedagógica fundamental, sendo valorizadas apenas atividades tradicionais com foco na alfabetização contribuindo para que a falta do real do brincar faça com que essa palavra ganhe diferentes significados. O resultado é o não controle dos sentidos, sabemos que, pela AD, não o temos, mas podemos trabalhar a sua polissemia, os seus outros sentidos, entendemos que se trata de um momento em que, durante a brincadeira, seja possível orientar a explicação do porquê deste sentido e não de outro, caso contrário os sentidos de brincar e *bullying* podem se (con)fundir e o resultado é a naturalização desse ato agressivo, muitas vezes, interpretado como brincadeira. E nessa con(fusão) de um termo pelo outro, são naturalizadas as práticas de violência e a agressividade, que já fazem parte da sociedade, então o sujeito-agressor passa a ser um reprodutor da violência. Nesse viés, o *bullying* não ganha espaço para discussão, mas ganha espaço para enraizar-se silenciosamente pelo disfarce, pelo boato, pela língua de vento.

Estamos diante, então, de um sistema que falha, de uma escola que falha, é nesse mesmo ambiente que o *bullying* circula e pensar a falha é pensar o real para a Análise de Discurso. Cabe aqui retomarmos Pêcheux (2009), pois para o autor a língua é impossível de ser completa, plena e inequívoca, assim, temos o real da língua; é impossível sanar a luta de classes, temos o real da história; é impossível o sujeito se resolver no inconsciente, temos o real do sujeito. Portanto, compreendemos que esta pesquisa trata sobre o real: impossível conviver sem agressão, temos o real da escola, o *bullying* como efeito desse real, isto porque o real não cessa de se inscrever, vai operar algo do impossível conviver sem violentar e agredir fisicamente, mas haverá o ato agressivo. Assim, é pelo real da escola, aquela que falha e que é atravessada de sentidos de controle, de dominação sócio-histórico-ideológicos que o *bullying* circula e o sujeito-agressor se constitui produzindo seus disfarces.

## CONCLUSÃO

Compreendemos que o *bullying* funciona, machuca, humilha pelo discurso, temos aqui a conceituação de *bullying* pela Análise de Discurso, de forma que estamos tratando de um ato agressivo que funciona pelo disfarce: temos um sujeito-agressor que, para se defender, subverte o discurso do sujeito-vítima pelo boato e pela língua de vento. Portanto, no ambiente escolar, o discurso do sujeito-vítima é colocado em dúvida e a circulação de um discurso da agressividade, em que a perversidade se instaura sob o

disfarce da democracia e da brincadeira, faz-se presente, faz-se natural, funciona pelo real da escola. Entendemos, então, que o funcionamento do *bullying* está no discurso, materializado no/pelo corpo, isto porque está inscrito no confronto entre o simbólico e o político, no olhar classificatório dado ao corpo do sujeito-vítima e circula na escola pelo sopro da língua de vento.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa, Portugal: Editorial Presença / Martins Fontes. 1970.
- ARAÚJO, Raquel Oliveira de; RAMOS-LOPES, Francisca. 128. “Mimimi ou racismo?”: os diferentes discursos acerca do caso Fabiane Jardim. *Revista Philologus*, v. 27, n. 81 Supl., 2021.
- CALDAS, Ana Caroline Del Bem. *Discurso e sujeito em movimento argumentativo: brincadeiras e arte em Portinari*. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- COLL, Liana; MENEZES, Adriana Vilar de. Situação dos Yanomami expõe abandono dos indígenas pelo Estado. *Notícias UNICAMP*. Campinas, SP. 24 de janeiro de 2023. Disponível em <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/01/24/situacao-dos-yanomami-expoe-abandono-dos-indigenas-pelo-estado>. Acesso em 27 de janeiro de 2023.
- FANTE, Cleo. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo: Verus Editora, 2011.
- FERREIRA, Maria Cristina L. O corpo como materialidade discursiva. *REDISCO*, Vitória da Conquista, v.3, n.1, p.77-82, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/1996/1723>. Acesso em: 15 fev. 2021.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 40a ed2. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes. [1975] 2012.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- ORLANDI, Eni P. *Análise De Discurso: Princípios e Procedimentos*. 3a ed. Campinas, SP: Pontes. 2001.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia*. 3ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi. 4a ed, 287p. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1975] 2009.
- PIGOZI, Pamela Lamarca; MACHADO, Ana Lúcia. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, p. 3509-3522, 2015.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.